

# ESPÁRTACO

BOLETIM NACIONAL DA JUVENTUDE COMUNISTA INTERNACIONALISTA

## QUE FAZER?

### I EDITORIAL

As greves e mobilizações de massa, os levantes e crises revolucionárias, e as revoluções, acontecem. Esses eventos, em que a classe trabalhadora e a juventude se colocam em ação para mudar a realidade, acontecem muito mais como resultado da crise do modo de produção do que da vontade e abnegação dos revolucionários. O capitalismo é incapaz de oferecer o mínimo alívio às massas proletárias, o que se expressa em choques constantes entre as classes e seus interesses. O levante de massas na Bolívia e a greve dos estudantes na USP, Unesp e Unicamp tem raízes em comum. A crise do capitalismo está ampliando a política militarista, expressa em guerras localizadas, como o ataque imperialista no Irã, o avanço de Israel no Líbano, o massacre palestino e a continuidade da guerra na Ucrânia. Cada um deles deixando um rastro de horror atrás de si. Para financiar esses esforços destrutivos é preciso espoliar a classe trabalhadora com aumento de impostos e tarifas alfandegárias, corte nos orçamentos e privatização dos serviços públicos etc. O ataque contra o Irã causou o aumento do preço do petróleo, do qual depende em grande parte a economia da Bolívia. Para além do aumento nos preços de alimentos, o presidente Rodrigo Paz, aliado submisso do imperialismo norte-americano, submete-se ao FMI para “salvar” o funcionamento da economia capitalista, colocando a cabeça do povo como moeda de pagamento. No Brasil, a Lei de Responsabilidade Fiscal,

que Lula mantém servilmente como herança odiosa desde FHC, submete a riqueza produzida pelos trabalhadores ao pagamento da dívida interna e externa. Para manter o “superavit fiscal”, eles dizem, é preciso cortar, congelar e privatizar os serviços públicos e entregar os patrimônios federais às “concessões” privadas e a exploração imperialista.

Assim chegamos ao fato de que 45 das 52 universidades brasileiras presentes no ranking das melhores do mundo, tenham caído de posição no último levantamento. O que alguns veem apenas como números, os trabalhadores e estudantes entendem na pele: perdas salariais e condições de permanência que na prática expulsam os mais pobres da universidade.

O que fazer? Para as lideranças social-chauvinistas, isto é, aquelas que fundiram o

oportunismo com o apoio às burguesias nacionais, a resposta é que tudo se resolverá nas instituições burguesas ou escolhendo melhor em quem votar. Apostam na conciliação entre os interesses de classes inimigas e, assim sendo, não há por que nacionalizar as greves por acesso e permanência.

Para as lideranças esquerdistas, isto é, aquelas que adotaram a concepção de que é suficiente a unidade das cúpulas das organizações autoproclamadas revolucionárias, a resposta é que basta a ação de um pequeno grupo radicalizado para eletrizar as massas e arrastá-las para ação. Utilizam ações heroicas, palavras de ordem radicais na aparência, mas sem base real para sua efetivação, que terminam por afastar as massas, sem criar condições para o avanço real de sua consciência e organização.

Vera Pavlovna, personagem do romance *O que Fazer?* publicado por Nikolai Tchernichevski em 1863, questiona-se como poderia escapar da autoridade patriarcal e alcançar a independência econômica. Em 1902, influenciado por essa obra, Lenin escreveu *Que fazer?* Problemas candentes do nosso movimento, cuja principal resposta é a necessidade de construir um partido de revolucionários profissionais, dedicados a causa da transformação radical da sociedade, capazes de conquistar a confiança das massas para dirigir a classe operária até a vitória. Ele mostrou que não há atalhos. É preciso construir e explicar pacientemente.



Divulgação

## COLABORAÇÃO DE CLASSES E OPORTUNISMO ELEITORAL NO 72º CONEG DA UNE

I MARIA LUCIA E LUCY DIAS



Arquivo pessoal, 05 de junho, em SP

A 72ª edição do Coneg da UNE aconteceu sob uma conjuntura internacional de ofensiva do imperialismo contra os trabalhadores do mundo, manifestações contra os cortes orçamentários na educação pública no Chile e Argentina. Aqui no Brasil, uma conjuntura de ampliação das greves, como a dos técnicos-administrativos das IES federais e das universidades estaduais paulistas por permanência estudantil, reajustes salariais e contra o governo Tarcísio.

“Educação e soberania é o que nos UNE” foi o tema da abertura, em que foi lido o manifesto pela criação da “TerraBras”. Já na plenária final foi aprovada a “Plataforma de propostas do Movimento Estudantil para um novo projeto de país”.

Os documentos têm em comum um forte caráter “nacionalista de esquerda”, que segue a cartilha etapista da social-democracia, incorporada pelo stalinismo, de apoio ao “desenvolvimento nacional capitalista” e, portanto, dos setores “progressistas” da burguesia nacional, como pressuposto necessário para a revolução socialista.

Essa concepção não compreende que as tarefas democráticas apenas serão concluídas nos países atrasados pela ação independente dos trabalhadores.

Durante nossa participação e na mesa “Solidariedade Internacional - o combate ao imperialismo e a defesa da autodeterminação dos povos”, combatemos por adesões e pela aprovação de uma moção de adesão ao **“Manifesto de Solidariedade ao povo boliviano e a Cuba - Lutar contra o imperialismo”** como ação prática da luta anti-imperialista.

A mesa “As estaduais pedem socorro! Em defesa de universidades estaduais para o desenvolvimento regional e nacional”, foi inócuo do ponto de vista do potencial que tinha para ampliar nacionalmente as lutas por permanência estudantil. Isso é responsabilidade da direção da UNE por tratar os problemas de permanência das universidades estaduais como sendo isolados das demais universidades. O objetivo dessa política é o isolamento das lutas e greves em cada universidade ou estado, bloqueando um movimento nacional de luta por permanência que exija do governo Lula o fim do arcabouço fiscal, o fim do contingenciamento de R\$1,6 bilhão no orçamento da educação anunciada no dia 04/06 e o fim do pagamento da dívida interna e externa.

Consideramos que essa edição do Coneg foi marcada pelo aprofundamento da política de colaboração de classes, com um viés nacionalista de esquerda, e do oportunismo eleitoral, o que só pode levar a um maior distanciamento da UNE com a massa dos estudantes. Continuamos nossa batalha por uma UNE baseada nos princípios dos Sindicatos de Estudantes, livre, de base, democrática, independente e socialista. Leia mais em [juventudecomunista.com](http://juventudecomunista.com)

## AMÉRICA LATINA CONTRA OS CORTES NA EDUCAÇÃO

I BELLA LOPES

Em 12/05, ocorreu a 4ª Marcha Universitária contra o governo Milei. Desde o início do mandato, conquistas históricas da classe trabalhadora estão sendo atacadas, e as universidades não ficaram de fora desses ataques. Com cortes de verba chegando a quase 50%, a universidade pública é afetada, desde a infraestrutura, os salários dos trabalhadores e a permanência estudantil. As três marchas anteriores reivindicaram verba suficiente para o funcionamento das universidades públicas, que resultou na Lei de Financiamento Universitário, aprovada em setembro de 2025. Entretanto, o governo decidiu não aplicá-la. Na 4ª Marcha mais de 100 mil pessoas reivindicaram a aplicação da lei em ato de massas.

No dia 02/06 no Chile, manifestações contra os cortes orçamentários na educação irromperam e foram violentamente reprimidos.

Essas manifestações mostram que os problemas dos estudantes e trabalhadores têm raízes comuns: o sistema capitalista e precisa ser enfrentado como tal.

### EXPEDIENTE

SOMOS A FRAÇÃO JOVEM DA ORGANIZAÇÃO COMUNISTA INTERNACIONALISTA.

DIRETOR DE PUBLICAÇÃO: SERGE GOULART  
 CONSELHO EDITORIAL: LUCY DIAS, YURI SANTORIELLO,  
 MARIA LUCIA TAVARES, LETÍCIA TOLEDO

REVISÃO: RENATA PARADISO  
 JORNALISTA RESPONSÁVEL:  
 RAFAEL PRATA MTB Nº40040/SP

## LUDISMO, BLANQUISMO E A CLASSE PARA SI

I YURI SANTORIELLO

Muitas organizações que se reivindicam revolucionárias acabam substituindo a mobilização consciente da classe trabalhadora pela ação de pequenos grupos que atuam em seu nome, aprofundando o distanciamento entre direção e base. Para compreender a origem desses métodos, é útil retomar duas experiências do século XIX: o ludismo e o blanquismo. Como afirmava Engels, ideias e métodos políticos são produtos das condições materiais e do estágio de desenvolvimento da luta de classes. Por isso, ideias imaturas tendem a gerar métodos igualmente imaturos.

O ludismo surgiu nas primeiras décadas da industrialização, quando o proletariado ainda estava em formação. Diante do desemprego e da miséria provocados pela introdução das máquinas, muitos trabalhadores passaram a enxergar a tecnologia como a principal responsável por sua exploração. Naquele contexto, organizaram ações de sabotagem e destruição da maquinaria. Embora limitado, o ludismo representou um passo importante. Demonstrou a necessidade da organização

coletiva e a percepção de que seus problemas tinham origem social, e não individual. Com o desenvolvimento da indústria e da própria classe operária, tornou-se evidente que a luta precisava ultrapassar a ação direta sobre a produção e avançar para o terreno político. O blanquismo expressou esse avanço parcial. Seus defensores compreendiam a necessidade de conquistar o poder político, mas acreditavam que isso poderia ser realizado por uma pequena minoria de revolucionários disciplinados. A revolução aparecia como obra conspirativa de um grupo dirigente altamente disciplinado que agia em nome das massas por meio de ações diretas.

Essa concepção continha elementos progressivos, como a valorização da organização e da disciplina revolucionária. Contudo, mantinha um limite fundamental: não compreendia que a emancipação dos trabalhadores só pode ser resultado da ação consciente dos próprios trabalhadores, como explicou Marx. Dessa forma, o blanquismo também lançou as bases para concepções burocráticas, nas quais uma direção substitui a

participação ativa da classe. A experiência da Comuna de Paris demonstrou os limites dessa perspectiva. Os trabalhadores descobriram que não bastava tomar o velho Estado capitalista; era necessário criar sua própria forma de poder, organizada diretamente pelos trabalhadores.

A principal lição dessas experiências é que a transformação revolucionária não pode ser obra de máquinas destruídas nem de minorias conspirativas. A emancipação dos trabalhadores será obra dos próprios trabalhadores. Superar a atual crise das direções revolucionárias exige construir organizações enraizadas na classe, capazes de unir luta teórica, social e política com participação consciente das massas na construção de seus instrumentos de organização e de disputa pelo poder. Por isso, os marxistas estudam as experiências históricas do movimento operário, compreendendo tanto seus limites quanto suas contribuições e atuam a partir das lições que herdaram do passado, desenvolvendo a classe para si.

## AS FÁBRICAS OCUPADAS MOSTRARAM QUE HÁ SAÍDA

I TIAGO OLIVEIRA

A história mostra que há, sim, a possibilidade de a classe trabalhadora lutar por si e arrancar conquistas reais. "Memórias das Ocupação de Fábricas" é o relato real de quando o proletariado morde de volta seu predador carniceiro e voraz. O livro, assinado pelo camarada Onírio José Martins, mostra como foi que os trabalhadores ocuparam as fábricas diante dos salários atrasados e ameaças de demissão e colocaram a produção para funcionar, demonstrando que nenhuma roda gira e nenhuma luz acende sem a permissão da classe operária. Ler sobre a ocupação da Cipla não é buscar uma nostalgia confortável sobre o passado, mas encontrar um roteiro de luta para ser estudado, criticado e superado. A nossa geração parte das condições que herda do passado e o Movimento das Fábricas Ocupadas deixa uma lição de enorme valor para os jovens que ousam lutar. Esta obra é um chamado para que jovens e trabalhadores transformem a indignação ante a escala 6x1 e tantos outros ataques em organização. O nosso momento de morder de volta é agora! Acesse [livrariamarxista.com.br](http://livrariamarxista.com.br) e reserve o seu!



## CUBA: LIÇÕES DA TEORIA DA REVOLUÇÃO PERMANENTE

I MARCIO LAURIA

As burguesias das nações que primeiro se industrializaram repartiram entre si o restante do mundo, através de sangrentas guerras. O fato de que a maior parte do mundo se industrializou a partir da dominação estrangeira gera profundas consequências para as lutas do proletariado e dos setores oprimidos nos países dominados pelo imperialismo. A Teoria da Revolução Permanente é uma explicação dessa dinâmica e uma estratégia para o triunfo dos processos revolucionários que se levantam contra o imperialismo. Trotsky argumentou que até mesmo o programa de reformas democráticas (reforma agrária, república democrática, soberania nacional) só poderia ser conquistado em um enfrentamento contra o imperialismo e contra a burguesia nativa e que, ao tomar o poder para realizar tais medidas, o proletariado necessariamente teria

que expropriar tal burguesia, que se lançaria na contrarrevolução. Portanto, a realização dessas tarefas teria que se atrelar às tarefas socialistas, num só processo "permanente".

Cuba vivenciou esse dilema em 1959. O nacionalista Movimento 26 de Julho e o stalinista Partido Socialista Popular queriam apenas estabelecer uma democracia nacionalista dotada de justiça social e com uma tímida reforma agrária. Mas a burguesia cubana e o imperialismo dos EUA não podiam permitir nem mesmo isso. Além da ameaça da contrarrevolução, a Revolução Cubana também foi empurrada para frente pelas massas proletárias e camponesas, que ocuparam terras e empresas. Ainda assim, o formato burocrático do regime e o isolamento nacional da revolução cobram um enorme preço.

Se a Revolução Cubana é um exemplo da validade da Teoria da Revolução Permanente, ela também comprova que a revolução precisa ser permanente em outros sentidos: não existe "socialismo em uma só ilha", nem socialismo sem controle proletário, e o que não avança tende a retroceder.

Por tudo isso, dizemos que a Teoria da Revolução Permanente é extremamente atual. Só há saída para o proletariado através da organização com independência de classe e da tomada do poder político, contra o imperialismo e seus agentes locais. Leia a versão estendida em [juventudecomunista.com](http://juventudecomunista.com)



## REVISTA MARXISMO: CUBA E VENEZUELA

I LEONARDO MACHADO

Já está disponível a segunda edição da revista Marxismo nº02, órgão teórico da Organização Comunista Internacionalista. Atividades de lançamento da nova edição estão sendo realizadas em diferentes estados do país, dando ênfase na importância de socializar as experiências que a classe trabalhadora acumulou na sua história de luta.

Em especial, esta edição analisa e registra a luta da classe trabalhadora latino-americana, em particular a revolução e contrarrevolução na Venezuela e em Cuba, e a relação dessas experiências com o Movimento das Fábricas Ocupadas.

A revista Marxismo tem o compromisso com a independência política e financeira da nossa organização, sem nos apoiarmos no Estado ou instituições burguesas. Leia e contribua! Disponível em [livrariamarxista.com.br](http://livrariamarxista.com.br) ou com qualquer um de nossos camaradas!

VOCÊ É  
**COMUNISTA?**  
ENTÃO ORGANIZE-SE!

